

Especialistas dizem que corretoras conseguiram dominar o mecanismo

por Coriolano Gatto
do Rio

Nem influências políticas, com a Assembléia Constituinte em marcha, ou muito menos injunções econômicas em razão do aceite externo. O deságio decepcionante do terceiro leilão da conversão da dívida externa em investimento de risco, ocorrido na última quinta-feira, na Bolsa de Valores do Rio, foi atribuído por experientes profissionais do mercado de capitais ao fato de as corretoras terem conseguido dominar a engrenagem do mecanismo e, com isso, derrubaram o desconto, que ficou em 22% para as áreas livres, e apenas 0,5% na incentivada (regiões Norte, Nordeste, Vale do Jequitinhonha e Estado do Espírito Santo).

DESVANTAGEM

Não restam dúvidas de que um desconto muito reduzido torna desvantajoso para o governo brasileiro a conversão da dívida através de leilões. O próprio Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc) começou ontem a se debruçar em costurar uma proposta que tornasse o meca-

nismo interessante ao Banco Central.

A idéia básica, revela o vice-presidente-executivo do Ibmecc, Paulo Guedes, seria fazer um leilão às avessas, isto é, o processo seria detonado por um lance máximo. Teoricamente, o mecanismo é chamado de monopólio de discriminação de preços.

Guedes garante que o preço de equilíbrio do leilão não seria afetado e, ao mesmo tempo, ficaria assegurada uma boa concorrência entre as corretoras e, na outra ponta, o governo garantiria uma boa oferta para a parcela da dívida que está sendo ofertada.

NOVA FORMULA

"Seria apenas um leilão de cima para baixo", exemplifica o economista. Pela sistemática em vigor, o risco para o governo é muito grande, pois todo mundo leva uma fatia de dívida leiloada por um deságio estipulado. Na fórmula que o Ibmecc está estudando, ocorreriam diferentes descontos, mas sem alterar, contudo, a média do percentual a que o mercado vai chegando por consenso ao longo da disputa.